

“A humanidade múltipla e suas trocas” Entrevista com René Schérer

REVISTA ECO PÓS | ISSN 2175-8889 | TÍTULO NOVO NÚMERO | V 20 | N.3 | 2017 | ENTREVISTA

REVISTA ECO PÓS | ISSN 2175-8889 | TÍTULO NOVO NÚMERO | V 20 | N.3 | 2017 | ENTREVISTA

Entrevista e Tradução

Janice Caiafa

Professora Titular da Escola de Comunicação da UFRJ e pesquisadora do CNPq.

Ilustrações

René Schérer

Submetido em: 19/08/2017
Aceito em: 19/10/2017

ENTREVISTA

René Schérer é um pensador de grande expressão, extremamente singular em sua trajetória filosófica e militante. Com ele, o cultivo esmerado do conhecimento é indissociável não só de um ativismo libertário, mas de uma atitude existencial genuína de abertura aos problemas do mundo e à presença do outro.

Participou da fundação do Departamento de Filosofia da Universidade de Paris 8, onde ensinou ao lado Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, entre outros, e de François Châtelet, de quem era particularmente próximo. Situada inicialmente em Vincennes e hoje em Saint-Denis, Paris 8 constituiu-se como grande centro de experimentação de novas práticas de construção de conhecimento e estrutura universitária, em seguida aos acontecimentos de Maio de 68. Esses tempos de contestação radical não perderam nada de seu brilho, creio, até hoje, na obra e na vida de René Schérer.

Continua presente no Departamento de Filosofia, onde é Professor Emérito. Escreve textos de grande envergadura, precisos, inspiradores e comprometidos com o contemporâneo. Recebe com hospitalidade — que ele não somente teorizou, mas exerce em seu dia a dia — alunos e amigos que o admiram por tudo isto, estudam seu pensamento e procuram a sua companhia.

É coeditor da revista *Chimères*, fundada por Deleuze e Guattari. Seu livro *Regards sur Deleuze* é, de fato, tão “fulgurante” quanto esse pensamento que descreve, centelhas de um grande encontro e homenagem filosófica. Escreveu sobre a infância, produzindo uma crítica à pedagogia, sobre a hospitalidade, a comunicação, a homossexualidade, a utopia, o nomadismo, fazendo-os temas de sua filosofia. É grande estudioso de Husserl e um dos mais importantes especialistas em Charles Fourier, pensador associado ao socialismo utópico e ecologista *avant la lettre*, um “sonhador de mundos”, um “inventor”, como escreve René Schérer,

O título de um livro em homenagem a René, organizado por Bruno Cany e Yolande Robveille, traz uma frase muito precisa para descrevê-lo: “a fala hospitaleira” (“*la parole hospitalière*”). Basta ler seus escritos que, de fato, também evocam a fluência da fala, ou conhecê-lo, para constatar essa acolhida do filósofo generoso que faz da amizade filosófica um modo de vida e da fala, uma forma de ensinar e aprender filosofia e transformar o mundo.

Aqui, nesta entrevista, muito nos beneficiamos, leitores, dessa acolhida especial, única, de René Schérer, de sua fala aberta a outrem. Verão como a entrevista que concede à nossa revista vai

se construindo, em virtude justamente dessa sua generosidade, numa correspondência, numa relação epistolar que mantém comigo.

René também é grande colorista e observador das cidades, e nos cedeu desenhos seus para nossa capa e para ilustrarmos o texto da entrevista. Esta se desenvolve em três movimentos: Comunicação, Hospitalidade e Viagens. No final, acrescentei uma pequena bibliografia selecionada de suas obras.

Comunicação

Janice Caiafa - René, eu gostaria de começar pela comunicação. Me parece, de fato, que você mesmo começou por aí! No início de seus estudos, quando você era jovem, consagrou sua tese a esta questão. Em seguida, retomou esses escritos num livro que saiu em 1966, *Structures et fonctions de la communication humaine*. Em 1977, um outro livro, *Philosophies de la communication humaine*, retoma o primeiro num texto condensado.

Pode me dizer por que naquele momento era importante para você explorar a comunicação como problema, percorrer os deslocamentos do conceito na filosofia e examinar suas repercussões? Como a comunicação se tornou atrativa para você?

René Schérer - Começamos, então, com “a comunicação”, que foi o objeto (ou o “*sujet*”, o tema) de minha tese de Doutorado, defendida em 1966, mas iniciada no final dos anos 1950.

A comunicação. Este era um grande tema geral: no domínio das ciências e da filosofia também. Com a emergência da informática, a complicação das teorias da subjetividade pela da intersubjetividade. E, necessariamente, a divergência, a ambiguidade dos pontos de vista adotados.

Em termos gerais, eu tinha a intenção, nesse ensaio, de distinguir claramente os transportes ou transferências de informação, tratáveis no plano científico e técnico, de uma outra “comunicação”, assim chamada, de ordem cultural e filosófica. Esta última dizendo respeito às maneiras de ser, ou ao

ser mesmo, admitindo que esta palavra tenha um sentido preciso, unívoco. Admitindo que a ou as “comunicações” nos levem a falar, em relação às filosofias do ser, às “ontologias”, de um “outramente que ser” (“*autrement qu’être*”), com Emmanuel Levinas. Esta expressão não se encontra em meu livro, embora Levinas estivesse em minha banca de Doutorado.

Eu a cito porque ela me parece dar conta muito bem da minha orientação. A comunicação humana é o que torna impossível toda teoria do ser, ou “ontologia” única, todo dogmatismo da verdade. Não existimos senão em comunicação, não somos mais nada na sua ausência.

Contudo, estou longe de adotar a posição, mais tarde definida por Jürgen Habermas, de que o homem é um ser “comunicacional” e que o entendimento comunicativo é a totalidade da moral ou da razão prática, como da razão estética no que tange as artes. O entendimento intersubjetivo não é nem exclusivamente necessário nem exclusivamente suficiente. A relação com a verdade e com o valor são condições prévias constitutivas da dialética secreta dos acordos constitutivos do ser, do sentido, do valor.

Uma outra dialética que não a de Hegel, que subordina o indivíduo existente ao conceito, cujo sistema se dobra sobre si mesmo — ao passo que se trata de permanecer na proximidade de uma abertura constante da humanidade múltipla e de suas trocas.

Uma dialética “negativa”, poderíamos dizer, jamais concluída, cujos mecanismos são aqueles da disputa e da abertura.

Concretamente e em resumo, são as *multiplicidades* que prevalecem em seu movimento complexo e antagonista ou diferencial. São elas que a filosofia se dedica a pensar, construindo, a cada acontecimento, a cada etapa da história, os conceitos que lhes convêm, ou seja, as regras e as figuras sob as quais se deve pensá-las (o conceito sendo, para mim, segundo uma definição de Kant, “alguma coisa em geral que serve de regra”).

A comunicabilidade, o que o filósofo Kant chamava (continuadamente) de “publicidade” é um princípio que forma um critério da justiça e da justeza das ações. Mas a comunicação não está dada, é uma tarefa sempre a definir e a realizar. Não é do domínio dos fatos, senão seria o número, a maioria que prevaleceria e sabemos que, por exemplo, os plebiscitos, os referendos podem legitimar o pior; que, ao contrário, a “razão” ou “o verdadeiro”, o “bom”, o “belo” se encontram no lado das minorias.

Era o pensamento de Ibsen, de Brandès, de Nietzsche, de Strindberg, de Pasolini; certamente com as dificuldades, as ambiguidades que isto implica, mas que são a matéria mesma da reflexão, o conteúdo vivo da filosofia.

Aquilo que não é somente ou não tão comunicável, mas “a comunicar” (não há em francês uma palavra simples para exprimi-lo), é o autêntico, o acréscimo, o intenso, ou o que Rimbaud denominava “a vida verdadeira”, sempre ausente, sempre iminente, em vias de ser. Daí a importância que atribuo à utopia, àquela de Charles Fourier em particular.

E antes de tudo, talvez, o sentimento dessa ausência que engata o “movimento para ir mais longe”, segundo Malebranche.

Sempre uma relação, uma comunicação, uma centelha, um contato com o outro estarão na origem desse movimento que, então, poderá se difundir “como explosão de um rastilho de pólvora”, assim como Fourier antecipava a difusão da “Harmonia Universal”, da “Paz Perpétua”.

JC - Em *Philosophies de la communication*, você faz uma análise minuciosa e exigente das diferentes soluções filosóficas para a questão comunicativa e, num capítulo final, você se volta para a antropologia. Você se interessa pelas investigações antropológicas na medida que atualizam uma espécie de “desejo de comunicação” e também pelo contexto tão rico dos movimentos de descolonização em curso naquela época. Você escreve no prefácio que essas observações permanecem limitadas ou mesmo esboçadas, mas vê-se como elas fazem parte de um esforço de sua parte para compreender, finalmente, como se pode sair de si mesmo para encontrar o outro. É por isso, creio, que você se interessa tanto pelas análises teóricas da comunicação quanto pelas experiências, poderíamos talvez dizer, comunicacionais. Você escreve mesmo que só a prática social “traz as comunicações, as entrava ou faz surgir novas”. Nessa ótica, quando você considera o empobrecimento das relações nas sociedades capitalistas, observa que seria preciso inventar novas formas de comunicação originais.

Quais seriam, René, para você, os desafios da construção dessa comunicação ativa,

“revolucionária”, em ruptura com os estereótipos, nas sociedades contemporâneas — ditas, a propósito, “da comunicação” — onde a tecnologia abre possibilidades ao mesmo tempo que impõe limitações?

RS - Acrescento que estas últimas expressões designam noções e mesmo aspirações já perdidas de vista — diante de concepções da comunicação que, creio, não vão além da simples transmissão de mensagens, transmissão mecânica, associada ao caráter estritamente individual das mensagens enviadas e recebidas. Todo conteúdo intimamente comunicativo está ausente. Penso na ideia, no desejo de um entendimento, de uma transformação de si mesmo provocando esse entendimento ou decorrendo dele. Temos, certamente, a comunicação, mas não seu sentido nem seu objetivo, sua finalidade.

Enfim — com o segundo ponto fazendo alusão à antropologia —, esclareço que, com efeito, desde o período de minha tese e mesmo antes, me interessei pela antropologia, pela sociologia como sendo indissociáveis da filosofia propriamente dita. O que não é, não obstante, englobá-las dentro das “ciências do homem”. Pois trata-se, em todos os casos, não simplesmente do “homem” como espécie singular ou, menos ainda, como ultrapassando, “transcendendo” os outros reinos; mas do homem misturado ao universo, às espécies animais, vegetais, minerais, a todos os “movimentos” como os chamava Fourier; ou, melhor ainda, como em seguida as descobri e adotei com Félix Guattari, às “ecologias” (*As três ecologias, Caosmose*) ou, melhor, a uma “ecosofia” geral.

Ecologia substituindo a clássica confrontação do sujeito e do objeto, no sentido que, desde os anos 1950, Gregory Bateson falava de uma Ecologia do espírito ou trocas e harmonizações entre o vivo e seu meio.

E acrescento aí, igualmente, se posso me permitir, a este respeito, definir minha orientação filosófica com uma palavra, a ideia de uma “ontologia das relações” se substituindo à indefinida e vã pesquisa de um ser tão indecível quanto o nada. A comunicação é para mim sempre o que talha, decide, libera das argúcias onde toda lógica se afunda e se perde.

Pelo fim da ontologia, escreveu Jean Wahl, também um de meus orientadores de tese.

Hospitalidade

JC - A questão da hospitalidade sempre foi importante em seu pensamento e você escreveu centenas de belas páginas sobre esse tema. Para você, René, poderíamos falar de uma hospitalidade das cidades ou, antes, de práticas urbanas da hospitalidade? Penso na convivência entre desconhecidos e ideias diversas, nos fluxos de estrangeiros que não cessam de criar a cidade — e nas diferentes formas e graus de acolhida de que se trataria em cada caso, em diferentes momentos, para cada cidade. Penso também em seu livro *Utopias nomades*, onde você escreve que a hospitalidade ultrapassa a simples solidariedade na medida em que não se apoia no reconhecimento do mesmo no outro, mas aborda o outro em sua diferença.

RS - Este terceiro ponto de suas questões, querida Janice, se encadeia com o precedente, sem dúvida, pela relação positiva com outrem que ele implica e porque fiz incidir o seu conceito no conjunto de minha filosofia ou da filosofia.

Entendo que a minha questão não era tratar a hospitalidade como um “tema” ou uma “questão” filosófica entre outras; mas de fazê-la agir como um verdadeiro conceito central — Charles Fourier teria dito “fulcral” (“*pivotal*”) — e operatório. Ou, para empregar uma formulação utilizada a propósito da filosofia de Husserl por Eugen Fink, como um conceito ao mesmo tempo “temático” e “operatório”. Em outras palavras, pode-se dizer, estruturando o pensamento, agindo, impulsionando a pesquisa.

Devo acrescentar que “encontrei”, se assim se pode dizer, a hospitalidade não por uma dedução sistemática a partir da comunicação mas, ocasionalmente senão por acaso, por um “tychismo”— que foi caro, em lógica pragmática, a Sanders Peirce —, e bem mais tarde. Exatamente no momento do que se chamou a primeira guerra do Golfo.

A história conta, evidentemente, para cada um na elaboração de sua filosofia. Ora, nesse momento, a partir sobretudo dos últimos decênios do século XX, se afirmavam, se confirmavam os acontecimentos que invadiram o planeta e se tornaram nossa tragédia. Após o período relativamente

eufórico de um pós-guerra que viveu a descolonização, a crença mais ou menos forte no fim das guerras europeias, veio um período de retomada guerreira, de emergência de conflitos inesperados, de natureza étnica, nacional, religiosa.

Uma reflexão sobre esses conflitos e sua fonte iluminou-se para mim pela leitura, a releitura de um texto de Immanuel Kant ao qual eu não havia prestado suficiente atenção, *Zum ewigen Frieden (À paz perpétua)*, com a ideia de um direito cosmopolita e o conceito chamado por Kant de “transcendental” que lhe serve de base: o de “Hospitalidade Universal”.

Foi isso que me abriu os olhos, a função, nesse direito internacional dito cosmopolita, da hospitalidade ou de sua denegação. A rejeição de outrem, o ódio, a exclusão no princípio de todas as guerras, e a hospitalidade, a acolhida como princípio da resolução dos conflitos.

Um princípio que, das relações entre nações, pode ser facilmente estendido, generalizado, levado ao plano de toda relação com o outro, de toda comunicação interindividual entre os homens. Para além mesmo, permitindo fazer a partilha entre o humano e o inumano.

Após esta precisão, volto a você e àquilo sobre que me pergunta.

Você fala, primeiro, de “hospitalidade das cidades”. Certamente: uma cidade pode ser hospitaleira ou não. Não saberia, seguramente, sem esquematismo abusivo ou mesmo caricato, fazer uma classificação ou um histórico. Mas se pode propor algumas diretrizes de orientação.

E, para me citar, que me perdoem por isto, remeterei a título de exemplo a um pequeno texto assinado por Guy Hocquenghem e por mim próprio, inserido em seguida num de nossos escritos em comum sobre a infância, que fala da criança na cidade — *Co-ire*, creio, a menos que seja em *Pari sur l'impossible* —, que aborda essa questão a partir da figura de Gavroche em Victor Hugo e, particularmente, do que ele descreve, em *Os Miseráveis*, a propósito do “elefante da Bastilha”, projeto de estátua imaginada na época de Napoleão I e deixada em estado de esboço no gesso. Esse projeto, destruído sob Luís Filipe para dar lugar a uma coluna encimada por um “gênio” dourado, serve de ilustração à hospitalidade que a cidade pode oferecer às crianças abandonadas da época, aos “meninos de rua” que podiam ali encontrar asilo. No romance, é o caso de Gavroche e de dois órfãos que ele recolhe.

Esse exemplo, essa alegoria do elefante da Bastilha estão, sabe-se, infelizmente longe de se tornarem obsoletos; numerosas grandes cidades, megalópoles conhecem, por todo o mundo, pequenos vagabundos que se alojam um pouco por toda parte, nos recantos, sobre as calçadas, em velhas embalagens de cartolina, quando podem.

O que me interessava na hospitalidade das cidades era menos os lugares que lhes eram intencionalmente destinados, asilos, dormitórios ou outras habitações para uso dos sem teto (ou sem domicílio fixo, SDF) que essa hospitalidade involuntária ou do acaso. Devido a esse *tychismo* que já mencionei e que me parece corresponder, no seu melhor, à “lógica” da existência, ao movimento mesmo das coisas.

De fato, concretamente e historicamente, a cidade, a “*citée*” ou “*polis*”, de seu nome grego, não deveria conhecer propriamente falando a hospitalidade, pois, teoricamente, em princípio, ela é ou deve ser aquilo que oferece a cada um sua morada e seu lugar. Ela ignora a vagabundagem ou a errância.

A hospitalidade se situa aquém ou além das categorias políticas (justamente) ou jurídicas. E é talvez justamente por isso que ela concerne e interessa no mais alto grau ao filósofo; por seu conceito englobar e ultrapassar o político e o jurídico.

Ao menos esta é a tese — se a palavra não é demasiado pretensiosa — que constantemente intentei sustentar.

Você menciona, com justeza, *Utopies nomades*, que é, com efeito, um livro que aspira oferecer à hospitalidade campos múltiplos e uma vasta extensão.

Gostaria, repito, a seu propósito, de poder falar, da maneira como George Bataille fez para a economia (economia generalizada), de uma “hospitalidade generalizada” englobando todas as relações com outrem. Dando-lhes um ponto de partida e um fundamento sólido.

Viagens

JC - Você viajou muito. Os convites muito numerosos para seminários, cursos, conferências da parte das

pessoas que conhecem e admiram o seu trabalho o levaram a um monte de cidades do mundo. Você poderia falar de algumas que você visitou, do que representam para você — de cidades brasileiras, se você quiser, e sobretudo do Rio, de que você gosta particularmente.

RS - Uma palavra somente sobre o Rio, que você menciona particularmente, mas que eu não diria “conhecer”. De fato, não passei lá, ao todo, mais do que alguns dias. É o suficiente não para conhecer, no sentido estrito do termo, mas, certamente, para se ter uma ideia. Para ser mais preciso, diria que, para mim, no meu pensamento, na minha memória, o Rio, como diz Kant — ainda ele — a propósito das “ideias estéticas”, é “o que dá a pensar”. E eu poderia dizer o mesmo de outros lugares por que passei no decurso dos colóquios: Amsterdam, Lecce, Viena, Berlim, México, Bogotá, Atenas, Milão, Cairuão, Túnis...: são ideias (estéticas) que “dão a pensar” as suas “artérias” (assim bem nomeadas) ou ruas, ruelas, dédalos, que podem ser ou não ser lugares de movimento, de vida. Seguramente é importante, essencial falar da arquitetura das cidades, de suas construções, de seu projeto coletivo, de seu desenho, de seu plano, como de seu segundo plano, ou de sua história. Tudo isto faz parte de seu conhecimento, daquilo que, delas, permanece e é escrito.

Contudo, além da arquitetura, gostaria de evocar uma coisa outra, subjacente, mais íntima. Pasolini lhe deu o nome de “forma”: *a forma de uma cidade*, esse algo difícil de descrever que, todavia, se impõe de maneira irrecusável e que faz com que se a aprecie ou não, que se deseje viver lá, que ela seja indiferente ou que nos afaste. Coisa difícil, para não dizer impossível, de definir e que requer que se convoque, a fim de poder dar uma ideia, toda uma literatura; indo buscar, entre os mais sensíveis a essa subjetividade do meio e para estabelecer alguns marcos, de Balzac a Proust, de Stendhal a Joyce.

JC - Genial, querido René, obrigada. E, se você me permite, gostaria que falasse — voltando às suas visitas ao Rio de Janeiro — da Lapa, esse bairro da região central do Rio onde você esteve. Quais foram as suas impressões?

RS - Sim, a Lapa.

Mas hesito em escrever esse nome que é por demais marcado por conotações turísticas vulgarizadas e bem conhecidas, mesmo se, para mim, guarde as colorações e os acentos de uma descoberta autêntica e inesperada.

Descoberta, pois uma noite me levaram lá Silvia e Orlando, que me haviam dado a entender simplesmente que era um bairro em demolição e restauração.

E esses restos do século XIX, desabados e em ruínas, a igreja barroca de azulejos azuis (cujo nome me escapa), a ladeira íngreme de Santa Teresa, creio, o aqueduto onde passa o velho bonde rangendo, tudo isto me mergulhou no que deve ter sido, provavelmente, o Rio de Stefan Zweig com seu calor humano e sua poesia.

Voltei lá em seguida uma ou duas vezes, quer dizer que a atravessei, passei por lá; a sensação de descoberta do começo, do fragmento de cidade antiga tendo verdadeiramente forma e vida humana que escapava ao empilhamento de arranha céus havia evidentemente se atenuado, mas sem perder esse caráter América do Sul, arquitetura “colonial”, aplicável também a Bogotá, México... descrições-ou-antes-evocações de Zweig que se encontram também em Michael Lowry, D.H.Lawrence, Paul Morand ou... Pierre Benoît.

Em suma, o clássico de um imutável “novo mundo”, fervilhante e acolhedor para o europeu emigrado ou refugiado.

E ainda por cima todo esse desenho da “forma de uma cidade” de que fala Pasolini que as cidades modernas apagaram quase completamente.

Eis a Lapa na minha memória recente; é pouco, é um tanto exterior e vazio, mas forma um quadro íntimo que eu associaria de bom grado a outras descobertas “de passagem”, como o Jardim Botânico ou a espantosa escola de samba, vizinha, creio, ao Estádio do Maracanã, onde passamos (não sei se vocês estavam lá, com o pessoal da Fluminense) um início de noite.

Ali não era a arquitetura, mas o movimento, a rotação, o giro humano que tentei fixar no meu pequeno caderno e de que guardo alguns exemplos.

Eis tudo, por enquanto, querida Janice; mas digo e repito: é pouco, bem indigente; um beijo.



petit port

12. 19. 06 M. K. S. 1001

Bibliografia selecionada de René Schérer:

Edmund Husserl, sa vie, son œuvre. Com Arion Kelkel. Paris: PUF, 1964.

Structure et fondement de la communication humaine: Essais critique sur les théories contemporaines de la communication. Paris: SEDES, 1965.

La phénoménologie des «Recherches logiques» de Husserl. Paris: PUF, 1967.

Charles Fourier ou la contestation globale. Paris: Seghers 1970. Reeditado por Séghier, 1996.

Philosophies de la communication. Paris: SEDES, 1972.

Co-ire, album systématique de l'enfance. Com Guy Hocquenghem. Paris: Recherches, 1976.

Pari sur l'impossible. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1989.

Zeus hospitalier: Éloge de l'hospitalité. Paris: Armand Colin, 1993. Reeditado por La Table Ronde, 2005.

Utopies nomades. Paris: Séguier, 1996.

Regards sur Deleuze. Paris: Kimé, 1998.

L'écosophie de Charles Fourier. Paris: Économica, coleção Anthropos, 2001.

Enfantines. Paris: Économica, coleção Anthropos, 2002.

Passages pasoliniens. Com Giorgio Passerone. Lille: Septentrion, 2006.

Nourritures anarchistes: L'anarchisme explosé. Paris: Éditions Hermann, coleção Philosophie, 2009.

Petit alphabet impertinent. Paris: Éditions Hermann, coleção Philosophie, 2014.

Em português:

Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Trad. João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Aprender com Deleuze. Trad. Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. *Educação e Sociedade*. Campinas, V. 26, nº 93, pp. 1183/1194, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27272.pdf>

Deleuze e a questão homossexual — uma via não platônica da verdade. Trad. Eliana Aguiar. *Lugar Comum*, nº 7, pp. 135-163.

Disponível em: [uninomade.net](http://www.uninomade.net)



Watercolor sketch of the Tower of Babel, dated 17.03.11.